

LÍNGUA INGLESA NO DISCURSO EMPRESARIAL – EFEITOS DE SENTIDO

Déborah Maria Labandeira

Universidade de Passo Fundo (UPF) – (Pós-Graduanda – Mestrado)
Língua, Hiperlíngua e Arquivo – Coordenadoras: Marisa Grigoletto e Rosely Diniz Machado

A língua é um objeto especial para a Análise do Discurso, pois constitui a condição de possibilidade do discurso. A AD estimula a reflexão de que a língua é opaca, apresentando uma espessura semântica e uma densidade histórico-social. Assim, a AD não procura um sentido para o texto, mas como esse texto significa. A ela interessa a língua funcionando para a produção dos sentidos.

O objetivo deste trabalho é investigar os efeitos de sentido produzidos pela língua inglesa no discurso empresarial. Para tal, pretendemos analisar o funcionamento das designações *private equity* em quatro seqüências discursivas retiradas da revista *Exame*, bem como relacionar essas designações com o silenciamento que elas provocam ao serem enunciadas. Para proceder às análises, caracterizamos os processos de designação de acordo com Guimarães (1995, p. 74), o qual afirma que “ a relação de designação é uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposta à diferença”. Ou seja, a designação é uma relação instável porque é produzida pelo cruzamento de diferentes posições de sujeito, das quais instala-se um sentido, apagando outros possíveis. Se há um apagamento de sentidos, torna-se importante mencionar a noção de silêncio, que de acordo com Orlandi (1997), é fundador e garante o movimento dos sentidos, ou seja, o silêncio significa. Esse silenciamento de sentido acontece pelo viés da ideologia, que se instala sobre os enunciados na medida em que conecta alguns sentidos e mascara outros. Os conceitos de designação, silêncio e ideologia serão melhor esclarecidos nas análises. Assim, vamos à elas.

- SD1: A irrigação de capitais para a bolsa de valores brasileira persistirá por duas razões básicas. A primeira é o fato do dinheiro continuar farto no exterior. A segunda é a **crescente profissionalização das empresas nacionais**, se consolidando como **boas opções de investimento**. Nos últimos meses o fortalecimento de companhias brasileiras passou a despertar a atenção de investidores de longo prazo, interessados em se tornar sócios diretos. (o chamado investidor de private equity) (revista Exame – Novembro 2006, ed. 880, p. 19)
- SD2: Pelas estimativas da Associação Brasileira de Private Equity, o investimento acumulado em negócios no país deve passar de **700 milhões de dólares** neste ano para **2 bilhões de dólares** em 2008. Muitos fundos de private equity que vinham concentrando recursos na China, na Índia e no Leste Europeu vão canalizar dinheiro para o Brasil. (revista Exame – Novembro 2006, ed. 880, p.22)
- SD3: Atualmente, os Wallenberg estão à frente de um **império de quase 20 bilhões de dólares**. Seus **tentáculos** se espalham por mais de uma **centena** de negócios, incluindo empresas próprias, fundos de private equity e participações em multinacionais suecas, como a Ericson e a Scania. (revista Exame – Novembro 2006, ed. 881, p. 78)
- SD4: Apoiado em **celebridades da política e dos negócios** e numa fabulosa quantidade de dinheiro, o fundo americano de private equity Carlyle Group tornou-se um **colosso** do setor financeiro e agora se prepara para entrar no Brasil. (revista Exame – Outubro 2006, ed. 878, p. 59)

Na primeira seqüência discursiva, a expressão investidor de private equity é usada para designar o indivíduo que faz investimentos em um fundo de ações privado, uma vez que é esse o significado da expressão em língua portuguesa. Se existe uma expressão correspondente em português, por que o termo private equity é utilizado? Justamente porque essa designação faz o sujeito assumir uma posição-sujeito que se identifica com segurança e confiabilidade no mundo dos negócios. Esse investidor, provavelmente um estrangeiro, tem potencial e dinheiro para empregar em empresas brasileiras. O efeito de sentido evidenciado pelo mecanismo do funcionamento ideológico é de que se um estrangeiro investe seu dinheiro em empresas brasileiras, é sinal de que é um negócio seguro e lucrativo. A designação investidor de private equity provoca, assim, o silenciamento de sentidos não desejáveis nesse momento da enunciação: o de que investir em ações, principalmente em

empresas nacionais, é um negócio instável e arriscado. Pelo contrário, trata-se de boas opções de investimento, já que há uma crescente profissionalização das empresas nacionais.

Na SD2, percebemos que, mesmo sendo uma Associação Brasileira de fundo de ações, a mesma é designada como Associação Brasileira de Private Equity, o que evidencia a constante necessidade de relacionar a economia nacional com a norte-americana. Os próprios valores envolvidos 700 milhões de dólares e 2 bilhões de dólares apontam na direção do progresso e do poder econômico dos americanos, o que é capaz de envolver, também, os brasileiros. Na mesma seqüência discursiva, observamos que os fundos de private equity deixam de investir em países do Leste Europeu e da China, líder da economia mundial junto com os Estados Unidos, para investir no Brasil. Portanto, o efeito de sentido produzido é de que as empresas brasileiras mostram-se atraentes para o investidor estrangeiro. É um investimento estável e lucrativo. O uso do quantificador “ muitos “ também contribui para reforçar o sentido de que esse é um negócio seguro. No entanto, ao enunciar esses fundos de private equity como um investimento lucrativo, apagam-se outras designações vindas de uma FD antagônica, as quais consideram os fundos de investimento como um negócio arriscado, que gera mais prejuízos que lucro, sendo, muitas vezes, capaz de levar as empresas à falência. Verificamos, assim, que esse silenciamento traz à tona o não-dito, ou seja, o que foi apagado ou silenciado porque não devia ser dito. O silenciamento desses dizeres não é por acaso. Existe uma determinação ideológica que justifica o uso de designações em inglês no discurso empresarial. Ou seja, o uso de inglês no lugar de português é mais apropriado para atender aos interesses do capital.

Na SD3, chama-nos a atenção o uso da designação private equity junto das palavras IMPÉRIO – TENTÁCULOS – CENTENA, produzindo um efeito de evidência que apontam para a solidez e o destaque que esses fundos de ações alcançam dentre tantos outros investimentos que existem no mercado financeiro. Como os Wallenberg (um dos clãs mais poderosos da Europa) investem nos fundos de private equity, é sinal de que os mesmos (fundos de private equity) são

lucrativos e propiciam o crescimento do patrimônio. Se os tentáculos desse grupo tão poderoso se espalham por mais de uma centena de negócios, incluindo fundos de private equity, constatamos que essa forma de investimento é inquestionável, apontando para um aparente efeito de estabilidade do dizer. Entretanto, se considerarmos o atravessamento de outros discursos, vindos de uma FD antagônica, desestabilizam-se esses dizeres e evidenciam-se outros efeitos de sentido, nos quais não existe um fundo de ações completamente seguro e com longevidade lucrativa. Mas esses sentidos são silenciados, uma vez que tais dizeres não podem e não devem circular numa FD empresarial, já que ela é determinada social, histórica e ideologicamente. E são essas determinações que justificam a apropriação de determinados termos da língua inglesa no discurso empresarial.

Na SD4, a designação private equity, diferentemente das outras SDs, surge identificada como um fundo de ações americano chamado Carlyle Group. Acreditamos que o fato desse fundo de investimento aparecer nomeado nessa SD produz um efeito de evidência que aponta para a supremacia da economia norte-americana sobre a economia nacional. É importante destacar que a designação fundo de private equity Carlyle Group apóia-se em celebridades da política e dos negócios; logo, se são celebridades, assumem uma posição-sujeito de destaque, de influência e de confiabilidade no âmbito político e empresarial. Entretanto, essa designação apaga outras posições-sujeito que mobilizam sentidos antagônicos, que apontariam para o fato de que essa aposta que o fundo de private equity Carlyle Group faz em nomes famosos sugere uma prática pouco elogiosa, uma vez que o fundo beneficia-se ao manter um relacionamento próximo com homens influentes da política e do mundo dos negócios. Trata-se, no discurso empresarial, do já conhecido termo “ abrir portas “. Mostramos, assim, que o funcionamento das designações e a constituição do silêncio (apagamento) andam juntas para que o discurso produza sentido. Na mesma seqüência discursiva, é importante observarmos que junto da designação fundo de private equity Carlyle Group está a palavra COLOSSO. Mas o que é colosso? É algo de excepcional poder e valor. E se o fundo de private equity

Carlyle Group aposta no Brasil, é coisa vantajosa, excelente, que injetará capital nas empresas brasileiras. Portanto, mais uma vez, a designação private equity está associada a coisas positivas, vantajosas e lucrativas. Isso aponta para um aparente efeito de estabilidade do dizer. Trata-se do mecanismo de repetição que, pelo viés do funcionamento da ideologia, constrói um sentido como evidente: não há aspecto negativo ao se investir nesses fundos de ações. Entretanto, o dizer é desestabilizado com o cruzamento de outros discursos, os quais vêm de uma FD antagônica, onde os efeitos de sentido evidenciados são de que a chegada desse fundo de investimento (private equity Carlyle Group) ao país deve incomodar os fundos brasileiros de private equity, cujos investimentos são menores, se comparados com o concorrente americano.

Ao finalizar as análises gostaríamos de destacar que, em todas as SDs, a designação private equity refere-se a coisas positivas, investimentos vantajosos. Essa evidência de sentido produzida nas SDs deve-se à existência de uma determinação ideológica que faz com que o uso do termo em inglês seja mais apropriado aos interesses do capital. O que não aconteceria se esses itens lexicais tivessem sido nomeados em português. Assim, a apropriação que o discurso empresarial faz das expressões em língua inglesa, parece natural para essa FD; entretanto, há uma implicação ideológica por detrás dessa aparente naturalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Eduardo. Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo na linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. É o nome que faz a fronteira. In: INDURSKY, F. ; LEANDRO FERREIRA, M.C. (Orgs.) Os múltiplos territórios da análise do discurso. v. 12 Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 1999. p. 202-215. (Ensaio)